

Referências

- AZEVEDO, João Lucio de. *Novas epanáforas: estudos de história e literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1932. 255 p.
- BETHENCOURT, Francisco. *História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 531 p.
- BORGES, Jorge Luis. A casa de Astérior. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Tradução de Flávio José Cardozo. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 632-634. (*O aleph*).
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Tradução de Carmem Vera Lima. 8. ed. São Paulo: Globo, 2000. 204 p.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Minotauro: o insuportável desígnio*. Belo Horizonte: Cas'ascrever, 2015. 80 p.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 345 p.
- NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 61-80.
- NAZARIO, Luiz. *Autos-de-fé como espetáculos de massa*. São Paulo: Humanitas, 2005. 210 p.
- NOVINSKY, Anita. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 95 p.
- PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998. 236 p.
- SILVA, Antônio José da. O labirinto de Creta. In: TAVARES, José Pereira (Org.). *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1958.p. 4-157.
- SILVA, Antônio José da. *O labirinto de Creta*. Organização de Kênia Maria de Almeida Pereira. Uberlândia: Edibrás, 2016. 250 p.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. *Concerto barroco às óperas do Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Reescritas literárias de Judas por Jorge Luis Borges

Késia Oliveira

A traição é um tema recorrente na literatura, tanto no âmbito das relações pessoais – como o amor, a amizade, a família – quanto no campo público – como a política, a pátria ou a língua. Ela assume, nas artes, diversas formas desde o engano amoroso ao crime, inspirando artistas e escritores como William Shakespeare, Gustave Flaubert, Eça de Queirós, Machado de Assis, Nelson Rodrigues. Em Jorge Luis Borges, a traição oferece, de forma paradigmática, uma importante oportunidade para se refletir sobre os mecanismos da criação literária.

No conto “Tema do traidor e do herói”, publicado em *Ficções*,¹ Borges arquiteta uma história de ambiguidades e de falsificações em torno da investigação do assassinato de um certo Fergus Kilpatrick, o qual não se define, na narrativa, se se trata de um herói ou de um traidor. Com essa indecisão, o texto deixa o leitor entrever certa reversibilidade de papéis que parece ser uma das marcas das reescritas literárias de Judas realizadas por Borges.

Considerado o maior traidor de todos os tempos, Judas é pecador e criminoso porque conspirou contra um inocente e contra Deus. Seu nome possui várias acepções, entre elas a de um “indivíduo que trai a confiança de outrem”; “um traidor”; um “boneco que representa o apóstolo traidor,

¹ BORGES, 1972, p. 133-138.

ou uma pessoa que cai na antipatia do povo, e que se malha e geralmente queima no Sábado de Aleluia”.²

Para Paulo Mendes Pinto, o verbete em dicionário aponta para “como o símbolo, a imagem, ultrapassou o sentido estrito do nome”, na medida em que um nome próprio, que não tinha etimologicamente uma relação com o tema da traição – o nome “Judas”, do hebraico, *Yehudhah*, pode significar apenas um gentílico do habitante da Judeia, ou “judeu” por extensão, – passou a designar não só o seu agente, mas a sua representação.

A acepção listada no dicionário está de acordo com as interpretações sobre o apóstolo encontradas nos evangelhos canônicos. Nestes, confere-se a Judas, em quase todos os relatos, uma personalidade vil. Segundo a narrativa bíblica, Judas era filho de Simão e era encarregado de guardar a bolsa que continha o dinheiro usado para as despesas dos seguidores de Jesus, sendo, por isso, acusado, no *Evangelho de João*, de roubar. No episódio da unção de Jesus feita por Maria, em razão de ela derramar sobre os pés do Mestre um perfume muito caro, Judas teria reclamado que este era valioso demais e, se vendido, o dinheiro seria útil aos pobres. João, então, comenta: “Ele disse isso, não pelo cuidado que tivesse com os pobres, mas porque era ladrão; tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava (Jo 12:6). O ato de Judas é interpretado como dissimulado, de traição, e não como bondade ou caridade aos mais necessitados. Tal atribuição, junto a outros comentários dos evangelistas como a definição do personagem como um diabo, também realizada pelo evangelista João, reforça o caráter maligno de Judas.

Ainda de acordo com o texto bíblico, o discípulo teria entregue Jesus às autoridades, sendo, por isso, responsabilizado pela prisão e pela execução de seu mestre. Entretanto, conforme ressalta o teólogo Fernando Altemeyer, Judas não foi o único apóstolo a trair Jesus, os outros também o fizeram. Pedro, por exemplo, negou-o três vezes. O único a levar a culpa, no entanto, foi Judas.³

² HOUAISS, 2001.

³ ALTEMEYER, 2006.

As versões do *Evangelho segundo Mateus* e do *Evangelho segundo Marcos* ligam a traição de Judas à possível ganância do discípulo – que teria recebido pela traição a quantia de trinta moedas de prata. Já o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* atribuem a traição a uma influência demoníaca.

A imagem do discípulo na Bíblia, com os pontos de vistas dos evangelistas, é composta por muitas nuances. Tome-se, por exemplo, o desfecho do personagem: segundo o imaginário popular, inspirado na versão do *Evangelho segundo Mateus*, Judas teria se enforcado em uma árvore após devolver as moedas recebidas dos sacerdotes. Já em *Atos dos Apóstolos*, tem-se outra versão: com o dinheiro recebido, Judas teria comprado uma terra, chamada, posteriormente, de Campo de Sangue, onde ele teria se matado.

As versões da história de Judas também são múltiplas nas narrativas apócrifas sobre o discípulo infiel. Em alguns textos, ele é retratado como um traidor – “o judeu, assim como o seu povo, que negou Jesus”⁴ –, tornando-se também um estigma de traição estendido a todos os judeus. Mas no *Evangelho de Judas*,⁵ atribuído a autores gnósticos, traduzido e publicado, em 2006, pela *National Geographic Society*, o discípulo aparece como o mais sábio e o mais amado de todos os seguidores de Jesus e a traição é interpretada como parte importante da redenção dos homens. Nessa versão, o personagem é construído como o libertador de Cristo. O apóstolo é retratado, ainda, como participante de um plano divino e o único a compreender de fato a missão de Jesus.

Borges, quatro décadas antes dessa publicação, especula sobre a reversibilidade dos papéis do traidor e do herói em Judas e recria, no mínimo, duas narrativas sobre a traição. Em “Três versões de Judas”,⁶ publicado em *Ficções*, em 1944, o escritor coloca em um mesmo plano vários pontos de vista sobre o discípulo em um sugestivo título – no qual o número “três”, de certa forma, desestabiliza a dicotomia sobre o discípulo

⁴ FARIA, 2009, p. 45.

⁵ KASSER; MEYER, 2006.

⁶ BORGES, 1998, p. 573-577.

– e, também em “A seita dos trinta”,⁷ no qual se reafirma um papel redentor do apóstolo e potencializa-se de 3 para 30, as possibilidades.

“Não uma coisa, todas as coisas que a tradição atribui a Judas Iscariotes são falsas,”⁸ é a epígrafe do livro do escritor encenado no conto de Borges, Nils Runeberg. Escrito na forma de um artigo acadêmico, “Três versões de Judas” trata da análise do trabalho de Runeberg, que teria publicado duas obras: *Cristo e Judas*, em 1904, e *O salvador secreto*, em 1909. Além desses textos, o personagem teria realizado, ainda, a revisão de um desses livros, reescrevendo-o.

O narrador borgiano analisa essas três versões (os dois livros e a edição revisada) que possuem distintas teses sobre Judas que ora desmistificam o caráter de traidor atribuído ao discípulo pela narrativa bíblica ora o aponta como integrante de um plano de salvação da humanidade.

Em sua primeira tese, o personagem defende que “Judas entregou Jesus Cristo para forçá-lo a declarar sua divindade e a deflagrar uma vasta rebelião contra o jugo de Roma”.⁹ Se as versões do *Evangelho segundo Mateus* e do *Evangelho segundo Marcos* atrelam a traição de Judas à possível ambição do discípulo; o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* atribuem a traição a uma influência demoníaca. Assim, a primeira tese permite ao leitor retomar tanto as referências bíblicas quanto as apócrifas sobre o motivo da traição.

Na segunda tese, o argumento é modificado e afirma-se que Judas foi o mais sacrificado de todos. Ao optar pela delação, renunciou à honra e ao bem: “Judas procurou o Inferno, porque a felicidade do Senhor lhe bastava”, afirma o personagem.¹⁰ Na terceira e última tese, Runeberg argumenta que Deus se torna humano e escolhe vir como Judas para sua encarnação. A história, invertida em relação ao relato bíblico que afirma ser Jesus o Deus encarnado, termina com a morte do personagem-escritor: ele morre da ruptura de um aneurisma diante da natureza contrária dos seus textos.

⁷ BORGES, 2009, p. 51-54.

⁸ BORGES, 1998, p. 574.

⁹ BORGES, 1998, p. 574.

¹⁰ BORGES, 1998, p. 575.

As interpretações da história bíblica realizada por Runeberg ressignificam a presença e o significado da traição de Judas, que, de acordo com narrativa, não foi casual, mas “um evento predeterminado que tem seu lugar misterioso na economia da redenção”.¹¹ A inversão da condição de Judas de traidor a redentor e, assim, considerado o verdadeiro salvador, retoma a reversibilidade dos papéis vista em “Tema do traidor e do herói”.

O entendimento da traição de Judas como necessária para o cumprimento de um plano maior também aparece em “A seita dos trinta”, publicado no *Livro de areia*.¹² A história parte de um suposto manuscrito encontrado, de autoria anônima, no qual constam os hábitos e a doutrina da seita.

Os detalhes sobre essa estranha agremiação são retratados a partir dos comentários, sempre sujeitos a desconfiças, do narrador acerca da interpretação do relato bíblico por parte dos sectários: “O conselho de vender o que se possui e dá-lo aos pobres é acatado rigorosamente por todos; os primeiros beneficiados o dão a outros e estes a outros. É esta a explicação suficiente da indigência e da nudez que também avizinha do estado paradisíaco”.¹³ O texto referenciado é uma reescrita de parte do *Evangelho de Mateus* no qual Jesus fala a um jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mc 19:21).

O narrador, com essa estratégia, ironiza a interpretação que se faz da Bíblia: se o sentido religioso poderia ser uma exortação de que os homens não deveriam se apegar às riquezas, a passagem é usada pelos membros da seita como justificativa para o costume de andar nus, pois “dizimados pelo ferro e pelo fogo, dormem à beira dos caminhos ou das ruínas que a guerra poupou, já que lhes é proibido construir moradias. Costumam andar nus”.¹⁴ Nessa perspectiva, o narrador apresenta uma seita que leva as doutrinas do cristianismo às últimas consequências ou ao pé da letra.

¹¹ BORGES, 1998, p. 574.

¹² BORGES, 2009.

¹³ BORGES, 2009, p. 52.

¹⁴ BORGES, 2009, p. 52.

A origem do nome do grupo é assim relatada:

A divina misericórdia, a que devo tantas mercês, permitiu-me descobrir a autêntica e secreta razão do nome da Seita. Em Keriath, onde verossivelmente nasceu, perdura um conventículo chamado dos Trinta Dinheiros. Esse nome foi o primitivo e dá-nos a chave.¹⁵

O local de nascimento e o termo “conventículo”, que se trata, por definição, de um “ajuntamento clandestino de conspiradores”, denominado, não por arbitrariedade, de “Trinta Dinheiros”, permitem ao leitor inferir que Judas é a chave da questão, como será revelado adiante na narrativa. A secreta razão do nome da seita não se relacionaria ao número de sectários, à altura da arca de Noé – que, segundo o relato em *Gênesis*, teria trinta côvados – ou à idade de Jesus ao ser batizado por João Batista. Segundo o narrador do conto, “todas [essas conjecturas] são igualmente falsas”.¹⁶

No conto, Jesus e Judas são dispostos em pé de igualdade. Borges expande o texto bíblico e inverte o sentido da traição, como expõe o narrador:

Na tragédia da Cruz – escrevo-o com a devida reverência – houve atores voluntários e involuntários, todos imprescindíveis, todos fatais. Involuntários foram os sacerdotes que entregaram os dinheiros de prata, involuntária foi a plebe que escolheu Barrabás, involuntário foi o procurador da Judeia, involuntários foram os romanos que ergueram a Cruz de Seu martírio e cravaram os pregos e tiraram a sorte. Voluntários só houve dois: o Redentor e Judas. Este atirou as trinta moedas que eram o preço da salvação das almas e logo se enforcou.¹⁷

A referência às trinta moedas adquire, no conto, ao contrário do enredo bíblico, um aspecto positivo e decisivo na narrativa. Se, na Bíblia, Judas vendeu Cristo por trinta moedas, na ficção, Borges afiança que a salvação dos homens foi comprada por essa quantia por uma ação voluntária, isto é, tal como é defendido por Runeberg, em uma de suas três versões, “Judas reflete, de algum modo, Jesus. Daí os trinta dinheiros e

¹⁵ BORGES, 2009, p. 54.

¹⁶ BORGES, 1998, p. 53.

¹⁷ BORGES, 2009, p. 54.

o beijo; daí a morte voluntária”.¹⁸ Borges transforma, na sua versão da história, o par Jesus/Judas em um duplo complementar, em que os dois personagens são cúmplices de um propósito e não antagônicos como o texto bíblico deixa inferir.

Borges reescreve, desse modo, o texto bíblico com expansões e reinvenções. Essa reelaboração evidencia um mecanismo da criação literária: a reescrita, isto é, a literatura como um trabalho de citação, no qual “escrever, é sempre reescrever,”¹⁹ como propõe Antoine Compagnon:

O trabalho da escritura é uma reescritura, visto que se trata de converter elementos separados e descontínuos num todo contínuo e coerente [...] reescrever, realizar um texto a partir de seus fragmentos, é arranjá-los ou associá-los, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos presentes.²⁰

Tomar fragmentos de outros textos, referências e reminiscências, segundo o crítico, não seria apenas uma técnica literária, mas parte constitutiva da própria literatura. Considerando essa estratégia, a ficção enquanto reescrita não resultaria de um gesto simples de repetição, mas de reapropriações.

Para Ricardo Piglia, “quando um escritor procura saber como funciona uma [...] máquina narrativa, isso sempre acaba resultando em algum tipo de apropriação que trai e desloca aquilo que ele leu”.²¹ O escritor, nesse sentido, tal qual um Judas, pode ser visto como um traidor, pois trai o que lê e desvia ao escrever uma nova história.

De acordo com Marcílio Castro,²² a traição é um ato perverso, uma ruptura de expectativa:

a traição destrói a integridade de um sistema e seus aparatos de confiança. Por um lado, é uma forma de delito [...] e assume formas diversas, que vão do engano íntimo à deserção. Por outro lado, do ponto de vista das relações textuais, a traição é um dos polos da tríade que inclui também a tradução e a tradição.²³

¹⁸ BORGES, 1998, p. 574.

¹⁹ COMPAGNON, 1996, p. 31.

²⁰ COMPAGNON, 1996, p. 25.

²¹ GRAIEB, 1994, p. 71.

²² CASTRO, 2013.

²³ CASTRO, 2013, p. 1.

A segunda perspectiva abordada por Castro, isto é, a traição como poética textual ou enquanto procedimento de escrita, pode ser exemplificada com a história de Judas. No texto literário, a traição parece se configurar como um signo duplo, aparecendo ora como tema ora como procedimento narrativo.²⁴ Como artifício literário, Angel Rama no ensaio “El escritor latino-americano como traidor”,²⁵ afiança:

*El intelectual es fatalmente un traidor, a partir de su ejercicio de la escritura y, con ella, del sistema racionalizado, individualizado y egoísta, que llevó adelante el mundo europeo al promover la revolución burguesa. No hay otra solución para él. Siempre será traidor y todo ejercicio de la escritura será una traición más.*²⁶

Como afirma Rama, a própria escrita ficcional em si já se configuraria como uma forma de traição à medida que se constitui a partir de uma série de reescritas de outros textos. Nesse sentido, ao reescrever a história da traição, Borges retoma e trai, simultaneamente, uma tradição, apontando para o desdobramento da história do personagem bíblico em versões que são, por vezes, transgressoras, e até conflitantes, como nos contos aqui vistos.

O infame traidor se configuraria, ainda, como uma máquina de produção de textos, um elemento motor na criação de infinitas narrativas que versam desde a tradição folclórica do boneco construído no Sábado de Aleluia, a alusões ao traidor e a recriações que ora reiteram a versão canônica ora dela se desviam.

Os Judas de Borges, nessa perspectiva, podem, assim, ser aproximados, metaforicamente, à figura do escritor à medida que aparecem em versões que apontam para a apropriação e a reescritura.

Referências

ALTEMEYER, Fernando. Queremos sempre um Messias e um Judas. Entrevista. 7 abr. 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/uolnews/cultura/2006/04/07/ult2618u40.jhtm>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Vários tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus,

²⁴ CASTRO, 2013.

²⁵ RAMA, 1988.

²⁶ RAMA, 1988, p. 206.

2002. 2206 p.

BORGES, Jorge Luis. Três versões de Judas. Tradução de Carlos Nejar. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 573-577. (*Ficções*).

BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Tradução de Josely Vianna Baptista. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 255-260. (*Discussões*).

BORGES, Jorge Luis. Tema do traidor e do herói. In: _____. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972. p. 133-138.

BORGES, Jorge Luis. A seita dos trinta. In: _____. *O livro de areia*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 51-54.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 176 p.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!*: introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009. 255 p.

GRAIEB, Carlos. Escritor mostra seu laboratório ao leitor. Entrevista com Ricardo Piglia. *Estado de S. Paulo*, Caderno Cultura, ano 14, n. 423, 9 jul. 1994.

JUDAS. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. *The Gospel of Judas*. Estados Unidos: National Geographic, 2006. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/lostgospel/_pdf/GospelofJudas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.